



"A Globo virou a Mídia Ninja?": de junho a junho, os telejornalismos possíveis

Evandro Medeiros Laia¹
Lara Linhalis Guimarães²

Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop)

Resumo: Em uma postagem numa rede social, a professora e pesquisadora Ivana Bentes faz a pergunta-título deste artigo, a partir de um olhar sobre a cobertura dos telejornais da TV Globo e da Globo News sobre as manifestações pela democracia, em junho de 2020, durante a pandemia do coronavírus, fazendo referência à cobertura dos protestos que tomaram as ruas do país em junho de 2013. Impulsionados por esta provocação, propomos aqui um ajuntamento (PRECIOSA, 2010) de pequenos acontecimentos telejornalísticos que nos permitam contemplar possíveis mudanças, ajustamentos, reinvenções entre junhos (2013 - 2020). Para isso, recorreremos às conversas que realizamos com pensadores e pesquisadores durante os 10 episódios da série de *lives* Traduções, do Observatório jornalismo(S) (JORNALISMOS, 2020), e também à reflexão produzida durante os campos realizados com midiativistas e jornalistas de TV entre 2013 e 2015, em trabalhos anteriores (LAIA, 2016; GUIMARÃES, 2016).

Palavras-chave: telejornalismo; manifestações; junho; Traduções; coronavírus.

1. TORÇÃO

Há um trecho do livro “Rumores discretos da subjetividade” (PRECIOSA, 2010) que nos capturou uma eternidade, e conduziu certa urgência de enlaçar as palavras deste artigo: “Tem gente que quebra espelhos e aspira o azar, quem sabe um outro nome para

¹ Professor da Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop). Doutor em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: evandro.medeiros@ufop.edu.br

² Professora da Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop). Doutora em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: lara.guimaraes@ufop.edu.br

acaso. Dispõe-se a explorar o estranho em si, conectar-se com o intempestivo, o sem nome que lhe dá boas-vindas. E força uma fenda em sua intimidade. Rompe com a cadeia de condicionamentos a que chamava viver” (p.26). Mais à frente, nesta mesma obra, temos a imagem evocada por Preciosa do personagem de um curta-metragem de Carlos Nader, de 1998. “Trata-se de alguém em empenhada transformação. Alguém aceso”. Essa ideia, do manter-se aceso, em empenhada transformação, vincula-se à necessidade de explorar o estranho em si, o que funcionaria como um requisito. De acordo com o conhecimento produzido por uma (in)certa antropologia, da qual faz parte a ideia de invenção de Roy Wagner (2013), só é possível olhar para algum eu quando há o olhar que captura algum outro e nos coloca diante desse estranho, como em um espelho. Em Wagner, essa equação aparece da seguinte forma: a cultura é o que precipita do choque cultural, do encontro entre dois outros. Antes disso, não há cultura, há comportamentos naturalizados, os nossos territórios existenciais familiares. Por essa via, não há reflexão sobre o eu sem reflexão sobre o outro. Parece-nos que um mundo possível, e um jornalismo possível, necessitam fortemente abandonar os hábitos de ser, explorar o estranho em si. Há modos de ser e estar no mundo que fazem muito bem essas torções, principalmente os povos animistas, como os povos indígenas. Tornar-se outro é condição da existência do ser. O outro como margem da existência do próprio.

Mas, considerando esse nosso modo de ser e estar no mundo, baseado no humanismo, em que o capitalismo gerencia o que é o eu e o que é o outro (tratando de mantê-los separados), há maneiras de se manter aceso? "Não há jornalismo aleatório" (GUILMARÃES e LAIA, 2015, p.8), como alertamos em um artigo tempos atrás, fruto das observações das jornadas de junho de 2013 e das manifestações "Não vai ter Copa", de 2014. O agenciamento de um certo jornalismo é fruto do devir modernidade-capitalismo, aquele que inventou uma certa humanidade, a do "clube seleteo", que não tem mais cotas à venda, como define Ailton Krenak (2020), que deixa mais povos-perspectivas alijados que integrados, criando uma emenda maior que o soneto.

Por essa via, há uma necessidade perene de reflexão sobre como aquilo que se convencionou chamar de “o” jornalismo – o hegemônico, aquele legitimado na prática profissional, ao menos como modelo a ser seguido – é fruto desse paradigma e se esse jornalismo dá conta da multiplicidade de mundos que se proliferam e são postos em

tensão no contexto contemporâneo. Esse jornalismo – o legitimado – é filho da modernidade, logo, de uma visão cientificista de mundo: aquela que separa natureza de cultura, fato de versão, realidade objetiva de representação. Por essa via, caberia ao jornalista a tarefa árdua de buscar sempre ver os acontecimentos de uma perspectiva distanciada, ou atuar “do lado de fora” dos fatos, exercendo uma postura imparcial a respeito, ao menos como meta. Esse ideal de conhecimento está baseado na crença de que conhecer é objetivar, ou seja, despir os fatos de suas subjetividades, a fim de conhecê-los melhor.

Buscamos aqui tratar o jornalismo de modo mais realista, portanto de forma não sacralizada, longe do fetiche, permitindo enxergá-lo como uma construção. Por essa via, ser jornalista não seria um fim, mas um meio, passagem, condição agenciada pela perspectiva que se ocupa, emergência da diferença que produz comunicação de um jeito fora da convencionalização, nem mais nem menos legítima que outras formas. Por isso há momentos em que este diferenciante emerge, ao menos como promessa. E deixa rastros. Junho de 2013 ensaiou uma série de modos de fazer e pensar jornalismo que tencionava modelos hegemônicos, principalmente no que diz respeito ao telejornalismo, marcado pela produção de narrativas audiovisuais, tensionadas naquele momento pelas narrativas dos "comuns" (LAIA, 2016), aqueles que mimetizam o modo legítimo de narrar o mundo, o jornalismo, vez por outra inventando outros caminhos, nas miudezas, nos pequenos acontecimentos. Esta foi uma ótima incubadora de invenções de jornalismo, de exercício de novas técnicas, rotinas, de novos jornalistas, ou seja, de novos sujeitos que se auto nomeavam, ali, jornalistas. Mapeamos muitos destes momentos e seus desdobramentos, no Brasil e nos Estados Unidos, que deram origem às abordagens que propomos. E que deixam à mostra o jornalismo como uma rede de agenciamentos, portanto como passível de mudanças, de transformação, e não como uma essência.

Apenas quando surge o imprevisto é que é possível ver a estrutura reticular da rede, seus nós em detalhe, não como um bloco homogêneo, indivisível, mas como um devir. Parece claro aqui, mas nunca é demais lembrar, que abordamos o jornalismo como uma rede sociotécnica (LATOUR, 1994), fruto das relações complexas entre atores humanos e não humanos, suscetível a reconfigurações, à medida que novos atores entram na rede e a desestabilizam temporariamente. O que nos parece uma proposta bem adequada para pensar o telejornalismo, cujas configurações, como rede, estão marcadas

por uma série de atores não humanos de origem técnica e tecnológica. Esta reflexão nos serve como ponto de partida para pensar que um certo jornalismo, este sobre o qual comumente nos debruçamos como pesquisadores, mudou, e muito, desde que este modo de traduzir o mundo foi inventado, precipitado, junto com a Revolução Francesa.

Muita coisa que aconteceu entre 2013 e 2015 continua reverberando, outras não. Poderíamos ainda usar este mesmo nome? O nome jornalismo foi precipitado a partir de uma rede sociotécnica específica, e continua sendo usado para se referir, de maneira precária, ao que fazemos ainda hoje. Se a palavra jornalismo ainda importa aqui, não é no singular, mas no plural, como possibilidades, atravessada por mediações instáveis que se transformam de acordo com a entrada e saída de atores. É importante que isto seja definido aqui, já que, também entre 2013 e 2020 o modo de se construir as narrativas jornalísticas mudou muito: "do vem pra rua para o fique em casa", como equalizou Ivana Bentes (BENTES, 2020) em reflexão sobre estas mesmas mudanças, em *live* da série Traduções, do Observatório jornalismo(S), *locus* a partir do qual emergiu uma coleção de pequenos acontecimentos, ainda em fase de ajuntamento, trabalho sobre o qual temos nos debruçado atualmente. Alguns desses acontecimentos serão trazidos no breve espaço deste artigo. O fato é que Bentes sintetiza nesta frase, quase um slogan, um recorte temporal no qual estão inscritas transformações que levaram o Brasil de um movimento difuso que se dizia não partidário a uma guinada conservadora acelerada pela pandemia do novo coronavírus. Por isso, antes de falar dos acontecimentos, é preciso dar mais um aviso: não se trata aqui de fazer um balanço positivo ou negativo sobre os rumos que uma possível revolução de junho de 2013 tomou em junho de 2020.

Deleuze (1992) faz uma importante distinção de história e devir quando afirma que “o acontecimento em seu devir escapa à história”, ou que “a história não é a experimentação, ela é apenas o conjunto das condições quase negativas que possibilitam a experimentação de algo que escapa à história” (p.210). É aí que Deleuze defende algo que nos deixa acesos: esse devir revolucionário que escapa à história é, para ele, o que Nietzsche chama de Intempestivo, e é nisso que devemos prestar atenção. Ou seja: na esteira desta revolução em processo, entre junhos, os modos de narrar o mundo também mudaram, de fora para dentro, das pessoas para as instituições, não apenas nos indivíduos, mas também nos modos de habitar o mundo, nos regimes narrativos, por isso

mesmo, também no jornalismo corporativo. Talvez especialmente nos telejornais, tão afetados pela perda do flagrante, da primazia do registro audiovisual do fato, a partir da participação dos "comuns", aqueles que estão mais dispostos a ajuntar miudezas, que, em devir, promovem o intempestivo, justamente porque não estão no lugar de legitimidade, estão fora do cânone de um certo jornalismo.

2. MIUDEZAS

A própria reunião de pequenas miudezas, desta força revolucionária que tomou o Brasil em junho de 2013 parecia, em si mesma, uma miudeza, frente ao devir que integrava, em escala global (CASTELLS, 2013). Três anos antes, em 2010, um vendedor ambulante se auto imolou, depois de ter se recusado a pagar propina a um membro do governo local, na Tunísia. O vídeo da tragédia, feito com um telefone celular, foi postado em uma rede social e o mundo árabe entrou em transe depois disso. A revolução no Egito, que acabou derrubando um ditador que comandava o país fazia três décadas, veio logo depois, tendo como epicentro a Praça Tahir, no Cairo. Em 2011, o movimento sacudiu a Espanha, com o 15M, seguindo, logo depois, para o outro lado do Atlântico, com o Occupy Wall Street, iniciado em Nova Iorque, mas que tomou todos os 50 estados do país. Só depois, junho de 2013 fez a mesma coisa com o Brasil. O rebote veio algum tempo depois: o retorno das ditaduras em países árabes, o Brexit (a saída da Grã-Bretanha da União Europeia e a ameaça ao bloco europeu), a eleição de Donald Trump e a ascensão da extrema direita no Brasil, com a eleição de Jair Bolsonaro como presidente.

Junho de 2013, nos parece, de fato, um mês que já dura sete anos. Foi no dia 12 que um protesto, na Avenida Paulista, em São Paulo, foi organizado pelo Movimento Passe Livre, com foco no transporte público, contra o aumento de R\$0,20 na passagem de ônibus urbano. Os protestos em São Paulo ganharam mais adeptos depois das notícias das agressões. E dia após dia foram se estendendo para outras capitais e depois também para cidades do interior do Brasil. No Rio de Janeiro, uma grande manifestação, no dia 17 de junho de 2013, colocou de vez a cidade no mapa do movimento. Uma multidão de manifestantes e de acoplamentos marchou da Igreja da Candelária até

a Cinelândia, ocupando toda a Avenida Rio Branco, lugar simbólico de lutas e protestos. Houve aglomerações, maiores e menores, em todo o país, inclusive em cidades do interior. O movimento não tinha liderança (formal, reconhecida), e reunia gente dos mais diferentes espectros ideológicos. Um dos pontos mais importantes, para a nossa reflexão aqui, é lembrar como os jornalistas, especialmente os de televisão, muito especialmente os da TV Globo, tiveram dificuldades de cobrir as manifestações "do lado de dentro": eles eram proibidos, muitas vezes até ameaçados fisicamente.

Este é um dos motivos que fez emergir, como potência, o fenômeno dos *streamers*, midiativistas que transmitem as manifestações, de dentro, ao vivo, pelas redes sociais, usando no geral um telefone celular conectado à internet (LAIA, 2016; GUIMARÃES, 2016). Este modo de narrar o mundo seria um modo menos "manipulado" de mostrar o que acontecia, inclusive para proteger manifestantes dos excessos e da violência policial. Mas isto não surgiu só por este motivo, começou bem antes, em experimentações anteriores, e teve muitas consequências depois. Houveram controvérsias entre *streamers*, que reivindicavam, não raro, o termo jornalismo para caracterizar o que viam fazendo; e os jornalistas dos veículos tradicionais, que, muitas vezes, viam os *streamers* como manifestantes, como "comuns", ou, para usar duas expressões que causaram muitos equívocos na época, como *black blocs* e/ou vândalos. Mas o que percebemos, em campo, eram aproximações estreitas entre os dois modos de narrar: assim como o de fora, o de dentro era também estratégico, a partir de recortes, com artifícios que revelavam ou ocultavam determinados aspectos do acontecimento.

De qualquer modo, este dever revolucionário deixou marcas profundas no modo como narramos o mundo, jornalisticamente, tanto na apropriação de uma estética "suja", de imagens "amadoras", quanto nas estratégias de apuração, registro e transmissão que o telefone celular trouxe para o telejornalismo. Sobre o restante, há que se fazer uma sociologia da derrocada. Ou mesmo uma psicanálise da auto destruição, o retorno do recalcado desta nação, entre 2013 e 2020. Retomando Deleuze, há que se registrar a revolução histórica e sua derrocada. Aqui, o que nos interessa são as coisas pequenas, o intempestivo que aparece no fazer jornalístico pelas imagens, que estão para além da queda, rastros do dever revolucionário. Que miudezas observamos em junho de 2020 que nos remetem a junho de 2013? É aí que começamos com a provocação, publicada no dia

7 de junho de 2020, que nos acendeu a ponto de se tornar título ao artigo, para a partir disso derivar muitos acontecimentos telejornalísticos, cartografando algumas pequenas miudezas que o texto-rede de Ivana Bentes agrega, no piscar de olhos das ideias.



Figura 1: postagem de Ivana Bentes no Facebook

Fonte: <https://www.facebook.com/ivana.bentes/posts/3248096751890339>

Em junho de 2020 houveram manifestações pedindo intervenção militar e o fechamento do Superior Tribunal Federal (STF), mesmo durante a pandemia do novo coronavírus, quando supostamente não deveriam haver aglomerações. Houveram também protestos a favor da democracia, alicerçando uma contra narrativa àquelas pró-Bolsonaro. No caso das primeiras, as aglomerações reforçaram a orientação do presidente do não cumprimento da medida sanitária de isolamento social, o que deu o tom do modo como seu governo enfrentou a crise global de saúde pública. Na cobertura do dia 7 de junho, um domingo, dia da semana em que as manifestações costumavam acontecer, o Fantástico, da TV Globo, começou com um clipe de cenas, com sobes sons, de protestos em todo o Brasil, a favor da democracia, mas também contra o racismo (um importante lampejo que será contemplado alguns parágrafos à frente).

A reportagem sobre o assunto explicava que as faixas a favor da democracia e contra o racismo tinham relação com fatos recentes mostrados por reportagens da TV Globo. A mesma matéria mostrava os manifestantes a favor do presidente Jair Bolsonaro, em menor número, e o esquema policial montado para garantir a segurança. Desta-

que para a imagem do chefe do Gabinete de Segurança Institucional, Augusto Heleno, cumprimentando amistosamente os policiais. Mas o que chamou a atenção foi o início da reportagem, mostrando a concentração da manifestação de Brasília, liderada por torcidas organizadas, no momento em que o grupo foi instruído a não responder provocações, evitar brigas e não deixar de usar a máscara. Um tipo de mirada pouco comum em relação ao que observamos na cobertura dos protestos entre junho de 2013 e julho de 2014, na Copa do Mundo. Desde o início, houve uma confusão sobre o sentido de expressões como *black blocs*, midiativistas, manifestantes e ninjas, criando, assim, uma controvérsia, um equívoco. Este entendimento que aproxima no imaginário todas estas possíveis categorias parece ter se forjado na necessidade diária de purificar, ou seja, de classificar e hierarquizar, como forma de construir uma narrativa no modelo clássico de reportagem.

Nas conversas com jornalistas, ouvi por diversas vezes falas nas quais o termo *black bloc* vinha impregnado de múltiplos sentidos, inclusive para se referir aos midiativistas (...). Este é um tipo de simplificação, ou purificação, para usar o termo latouriano, que retira as nuances da rede, reinserindo a narrativa em um esquema dualista. (LAIA, 2016, p.132)

O que aparece nas reportagens do Fantástico que pautam o assunto, na data sobre a qual tratamos aqui, é algo bem diferente desta tônica, como confirma outra produção apresentada no programa dominical: um giro mostrando as manifestações nas principais capitais do Brasil, com uma leve ironia sobre o número bem menor de manifestantes a favor do governo, os que solicitavam intervenção militar.

Foi ainda na primeira semana do mês de junho de 2020 que uma câmera de telefone celular registrou, em Minneapolis, cidade dos Estados Unidos, o momento em que um policial branco asfixiou um homem negro, George Floyd, detido e sem chances de defesa, por mais de oito minutos, esmagando o pescoço dele com o joelho, até a morte, enquanto ele gritava: "Eu não consigo respirar!". O vídeo circulou nas redes sociais e se tornou central em reportagens jornalísticas em todo o mundo, reforçando a perspectiva de que os "não humanos fazem os humanos fazer coisas", como nos lembrou André Lemos (2020), em conversa em uma das *lives* do projeto Traduções, citado na parte 1 deste texto. A morte de George Floyd fez eclodir, em plena pandemia, manifestações contra o racismo em todo o mundo, inclusive com a retirada, em algumas localidades,

de estátuas de figuras históricas ligadas ao tráfico de negros escravizados. E trouxe a questão racial para a centralidade do debate jornalístico. A primeira reportagem exibida pelo Fantástico do dia 7 de junho foi justamente sobre isso, acompanhando as manifestações que completavam uma semana, ininterrupta, em todo o país, "tranquilas e pacíficas", nas palavras do repórter Thiago Eltz. A reportagem tratava, em determinado ponto, de uma questão nevrálgica: a retirada de verbas de financiamento de programas de repressão da polícia, no Estados Unidos.

Há que se fazer uma anotação importante: a discussão sobre racismo e violência policial também chegou ao Brasil, mas só depois de iniciada a partir de um episódio de racismo e abuso policial nos Estados Unidos, mesmo com o número de mulheres e homens negros mortos por forças de segurança no Brasil. Lembremos que foi necessária uma decisão do Superior Tribunal Federal para que a Secretaria de Defesa do Estado do Rio de Janeiro parasse as operações policiais nas favelas durante o período em que o isolamento social atingiu a mais alta porcentagem no Rio de Janeiro. Na mesma edição, logo após as reportagens sobre os protestos, o Fantástico do dia 7 de junho trouxe ainda uma reportagem com mães e filhos, negras e negros, que vivem no Capão Redondo, comunidade da Zona Norte de São Paulo, capital. O repórter Manoel Soares, negro, com tranças rastafári, de máscara, conversou com eles sobre o medo da violência policial e das abordagens abusivas, mesmo durante a pandemia. As mães contaram como instruem os filhos para evitarem o risco, desde cedo. Um dos filhos, Yuri, de 14 anos, explicou que já sabe o que fazer quando a polícia chega, de acordo com o que a mãe ensinou: "Não falar grosso, não fazer movimentos bruscos, não olhar diretamente e manter as mãos levantadas".

A partir da observação do noticiário sobre as manifestações contra o racismo, Rosane Borges, em *live* do Observatório jornalismo(S), pontuou duas questões importantes. A primeira foi a adoção do termo racismo estrutural: a ideia que o racismo, muito mais que individual, é condição das estruturas sociais no Brasil. A segunda observação, que contradiz, em termos, a primeira, é que a imprensa "mostrou que o que acontecia era provocado pela banda podre da polícia, que corrompia o sistema, como exceção, o que não é bem assim" (BORGES, 2020). Para ela, esta é uma política de estado. Ou ainda, uma necropolítica de estado. O conceito avança na ideia de necropolítica, do filó-

sofo camaronês Achille Mbembe (2016). Ele entende que o modo como populações negras foram colocadas à disposição do capital séculos atrás, podendo ser descartadas a qualquer momento ou substituídas para a construção do capitalismo; agora, no capitalismo tardio, qualquer povo, população, pessoa pode ser colocada na mesma condição. A pandemia da Covid-19 estaria marcando a instauração do que Hilan Bensusan (2020) chamou de "consolidação da era da necropolítica preponderante" no Brasil, do qual o racismo é uma faceta, fundada na mesma operação de exclusão da homotransfobia, do machismo e outros preconceitos, a partir de uma mola propulsora única: o avanço do capitalismo, que é excludente e gera as outras operação. A pandemia tem sido laboratório para avançar na nova etapa da necropolítica: pela fome, pela bala, pelo motosserra.

Parece que o jornalismo tem criticado isso, dando um passo atrás. A Globo News voltou atrás e fez autocrítica depois da repercussão negativa do programa Em Pauta, do dia 2 de junho de 2020. O programa discutiu a fala do presidente da Fundação Palmares, Sérgio Camargo, que disse que o movimento negro é uma "escória maldita". O fato de que apenas comentaristas brancos trataram da questão gerou repercussão negativa. No dia seguinte, uma edição do programa Em Pauta, do canal Globo News, no dia 3 de junho, trouxe exclusivamente jornalistas negras (Maju Coutinho, âncora do Jornal Hoje, da TV Globo; Aline Midlej, repórter da Globo News; Flávia Oliveira, editora de Economia do Jornal O Globo; Lílian Ribeiro, repórter da Globo News, e Zileide Silva, repórter de Política da TV Globo, em Brasília), numa conversa mediada pelo também jornalista negro, Heraldo Pereira. O programa, considerado histórico, foi reexibido pela TV Globo, em sinal aberto, no Globo Repórter do dia 5 de junho de 2020, com um importante adendo: um depoimento da repórter e apresentadora Glória Maria sobre situações de preconceito que sofreu na carreira, um momento inédito da primeira jornalista de televisão negra de destaque no Brasil. A partir deste episódio, a Globo News escalou Zileide Silva e Flávia Oliveira como comentaristas fixas do programa Em Pauta, que ainda não contava com nenhum comentarista negro.



Figura 2: frame do Globo Repórter do dia 05/06/2020
Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/8607371/>

Na CNN Brasil, canal que estreou durante a pandemia do Coronavírus, quem deu o recado sobre o assunto também foi uma jornalista negra, convidada para comentar a cobertura dos protestos, retomando uma velha história que envolve a TV Globo. Alexandra Loras, ex-consulesa da França no Brasil, lembrou, em participação ao vivo, no dia 2 de junho, quando era entrevistada pela jornalista Daniela Lima, no Programa CNN 360 graus:

Hoje a CNN e toda a mídia brasileira tem o poder de convidar acadêmicos negros para conversar sobre esta temática. Quando eu vejo que William Waack foi mandado embora por um episódio de racismo e hoje ele debater tanto tempo sobre racismo, eu acho que deveríamos também convidar negros, no lugar de fala deles, para debater sobre este assunto. (LORAS, 2020)

Loras referia-se ao vídeo³ que mostra o apresentador William Waack conversando nos bastidores, durante a cobertura da eleição de Donald Trump, em 2016, para o Jornal da Globo, do qual ele era âncora. As imagens mostram Waack xingando um motorista que passa buzinando. "Está buzinando por que, seu merda do cacete? Deve ser um, com certeza, não vou nem falar de quem, eu sei quem é, sabe o que é?", disse ele, que cochicha supostamente a palavra "preto" no ouvido do entrevistado ao seu lado. Waack foi afastado e posteriormente demitido da TV Globo por causa deste episódio.

³ Para acessar a polêmica, ver https://www.youtube.com/watch?v=WR2CcTWeM_A e <https://www.youtube.com/watch?v=4e1DyY7WY1o>.

3. UM PEQUENO DESLOCAMENTO

Por fim, neste rápido ajuntamento, impreciso pelo espaço, mas importante como uma mirada sobre o período entre junhos, trazemos uma das controvérsias fundamentais que reverberam na vivência etnográfica feita durante a Copa do Mundo e que marcou a ruptura definitiva, observada ali, entre as redações e os midiativistas, depois de uma breve lua de mel que começou em junho de 2013. No dia 10 de fevereiro de 2014, o cinegrafista Santiago Ilídio Andrade, da TV Bandeirantes, morreu, depois de ser gravemente atingido na cabeça, enquanto trabalhava, por um rojão, disparado por um manifestante, em protesto no Rio de Janeiro, dias antes. O telejornal de maior audiência no Brasil dedicou, neste dia, um editorial⁴ ao assunto, reforçando a importância do jornalismo profissional. O âncora e editor do Jornal Nacional, da TV Globo, William Bonner, chamou o episódio de atentado à liberdade de imprensa. Importante lembrar que o editorial exaltava a função dos jornalistas “profissionais” na construção do conhecimento sobre o mundo: “Foi uma atitude autoritária, porque atacou a liberdade de expressão; e foi uma atitude suicida, porque sem os jornalistas profissionais, a nação não tem como tomar conhecimento amplo das manifestações que promove”. O que chamou a nossa atenção naquele momento foi que, quando Bonner cita “jornalistas profissionais”, deixa de fora uma série de outros atores importantes na construção das narrativas jornalísticas, naquele momento, visto que os registros que Ana Paula Goulart de Andrade (2018) classificou posteriormente como “apócrifos”, ou seja, fora do cânone do telejornalismo “padrão”, eram (e se tornaram com o tempo ainda mais) parte indissociável das narrativas inventadas pelos “profissionais”. Como separar, como purificar?

Durante a pandemia do novo coronavírus, outro editorial⁵ do Jornal Nacional também teve um papel importante na definição de uma ideia de jornalismo, agora em outro contexto, em outro junho, no dia 20, quando completaram-se 50 mil mortes pela Covid-19 registradas no Brasil. O editorial, falava em empatia, “a capacidade que o ser humano tem de se colocar no lugar do outro, de entender o que o outro sente”, nas palavras de Renata Vasconcellos. Ela pede que o país pare, assim como o JN diante dos rostos da

⁴ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=j2duLun4QKw>.

⁵ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=t0znrofa2AA>.

tragédia, estampados no cenário. Mais uma vez o termo "jornalismo profissional" aparece na locução de Bonner, reforçando, por um lado, a importância de um trabalho qualificado de informação durante a pandemia, em contraposição à onda de desinformação que acabou fazendo do Brasil, meses depois, o segundo país com maior número de casos de mortes por Coronavírus no mundo. Por outro lado, reforçando também, mais uma vez, a excepcionalidade da tradução de mundo feita pelos jornalistas. No texto, os apresentadores se referem também a um editorial anterior⁶, do dia 23 de março, bem no início da pandemia no Brasil, quando a dupla pediu "calma" aos telespectadores, numa pausa/editorial, feita logo após a escalada do telejornal, num tom premonitório/otimista. "Mas olha o porquê desta pausa aqui no JN hoje: a gente precisa respirar. A gente precisa entender que esta crise vai ter altos e baixos, vai exigir sacrifícios, mas no fim o Brasil e o mundo vão superar", explicou William Bonner. Ele lembrou, mais uma vez, os profissionais que fazem o jornalismo da Globo, explicando que eles estão entre as categorias de profissionais que prestam serviços essenciais, que não podem parar.

Renata: O trabalho do jornalista é reunir informações pra ajudar, pra deixar você atento, informado. Informação num momento destes é vital, é fundamental, é como lavar as mãos, tem que lavar, e a gente tem que se informar.

William: Mas repare uma coisa: quando a Globo aumentou o tempo diários que é dedicado ao jornalismo foi exatamente pra levar esta informação necessária sem correria. É pra você ver e ouvir o que tá acontecendo e pra você saber como se proteger. É claro que a gente tem medo de adoecer, aqui não tem super herói.

Há aqui uma definição completa: o que é o jornalismo, qual o seu papel e como pode colaborar para o combate da pandemia do coronavírus. A afirmação acontece na crise, que preferimos chamar de controvérsia, quando uma rede sociotécnica está instável, em processo de reconfiguração. Em 2013, os "comuns" inventaram um outro jornalismo, contra inventado pelos "profissionais". Agora também, a partir da entrada de outros atores, e talvez o mais significativo deles sejam as notícias falsas, que desestabilizam a rede-jornalismo a partir de um ponto fundamental: a credibilidade. Massimo Di Felice (2020) lembrou, em conversa na série de *lives* Traduções, que a ficcionalidade faz parte, na verdade, da própria natureza da notícia "Uma notícia, uma informação, não

⁶ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=S1SmqzNNNdk>.

pertence à dimensão do verdadeiro e do falso (...) é algo que não pode ser, por definição, objetivo”. O que nos desafia a pensar em que medida, não raro, apela-se à ideia da possibilidade de existência de uma verdade ontológica para lidar com as *fake news*, ou, ainda, para contrapor o trabalho realizado pelos jornalistas “profissionais” àquele realizado por outros humanos e não humanos que hoje produzem informação em grande escala.

Não temos dúvidas de que tudo isso tem sido potencializado pela pandemia, com jornalista em casa, trabalhando a partir de gambiarras tecnológicas expostas todos os dias nos telejornais, colocando à mostra o jornalismo como uma rede instável, formada justamente por humanos e não humanos. As emoções têm aflorado com frequência nas reportagens, não só nas lágrimas, nos abraços, mas também na condução: há um posicionamento contra o que agencia a transmissão do vírus. Relembrando a Teoria Ator-Rede, a controvérsia pandemia abriu a caixa preta jornalismo, a rede está exposta. São inúmeros os exemplos e será necessário fazer um inventário, mapear o desenrolar deste momento potente, rico, para pensar o jornalismo brasileiro. Mas há que se anotar, antes que esta miudeza se perca no caminho: os editoriais que ajuntamos aqui continuam defendendo as ideias de objetividade, de isenção, e, principalmente uma ideia de verdade, além, claro, da noção da excepcionalidade do jornalista como tradutor legítimo do mundo. Há, neste último editorial, porém, uma pequena, mas importante diferença: a afirmação de que os jornalistas da Globo são "profissionais", mas são também "comuns", habitam dois mundos ao mesmo tempo, atravessam ontologias para traduzir cosmologias. O que isso significa? É preciso observar as cenas dos próximos capítulos.

De fato, considerando alguma totalidade possível, coerente; nada insurgente nos parece completamente poderoso. Mas não é no campo das totalidades por onde nosso pensamento caminha. Estivemos aqui apontando miudezas imperfeitas: aquelas que, pelo modo como tensionam pilares sustentadores dos modos hegemônicos de pensar/fazer jornalismo, precipitam algo diferenciante (WAGNER, 2013). Aquelas que torcem a história e nos convocam ao intempestivo, ao menos como promessa.

Referências

ANDRADE, A. P. G. **Telejornalismo apócrifo**: a construção da notícia com imagens amadoras e de vigilância. Santa Catarina: Insular, 2018.

BENTES, Ivana. Jornalismo possíveis, mundos possíveis. [Entrevista concedida a] Evandro Medeiros Laia e Lara Linhalis Guimarães. **Série audiovisual Traduções**, Youtube, episódio 6, junho, 2020. Disponível em: <youtube.com/jornalismos>. Acesso em: 15 jul. 2020.

BORGES, Rosane. Jornalismo possíveis, mundos possíveis. [Entrevista concedida a] Evandro Medeiros Laia e Lara Linhalis Guimarães. **Série audiovisual Traduções**, Youtube, episódio 9, julho, 2020. Disponível em: <youtube.com/jornalismos>. Acesso em: 15 jul. 2020.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992

GUIMARÃES, L. L. 2016. **Uma invenção de jornalismo**: ninjas, xamãs e outras perspectivas. Rio de Janeiro, RJ. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 177 p. Disponível em: <http://www.pos.eco.ufrj.br/site/download.php?arquivo=upload/tese_lguimaraes_2016.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2020.

MEDEIROS, Evandro; LINHALIS, Lara. **O Equívoco da Manipulação**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 38, 2015, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2015.

JORNALISMOS. Canal do Youtube. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCIHQ4JfYFuBiji46DAczH-A>. Acesso em: 15 jul. 2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LAIA, E. J. M. 2016. **O jornalismo em equívoco**: sobre o telefone celular e a invenção diferenciante. Rio de Janeiro, RJ. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 221 p. Disponível em: <http://www.pos.eco.ufrj.br/site/download.php?arquivo=upload/tese_elaia_2016.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2020.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

LEMOS, André. Jornalismo possíveis, mundos possíveis. [Entrevista ao vivo concedida a] Evandro Medeiros Laia e Lara Linhalis Guimarães. **Série audiovisual Traduções**, Youtube, episódio 5, junho, 2020. Disponível em: <youtube.com/jornalismos>. Acesso em: 15 jul. 2020.

LORAS, Alexandra. EUA tem 8º dia de manifestações antirracismo. [Entrevista ao vivo concedida a] Daniela Almeida. **Programa CNN 360 graus**, junho 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5QZEbqG7h2I>. Acesso em: 15 jul. 2020.

PRECIOSA, Rosane. **Rumores discretos da subjetividade**: sujeito e escritura em processo. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2010.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Metafísicas canibais**: Elementos para uma antropologia pós-estrutural. São Paulo: Cosac e Naify, 2015.

WAGNER, Roy. **A invenção da Cultura**. São Paulo. Cosac Naify. 2010.